

## Lacrações à venda

De repente, do nada, muitos se tornaram moralmente virtuosos. Um milagre! Toda hora aparece um sujeito se passando por apóstolo de boas causas

*Leo Aversa, 20/06/2023*

Link: <https://oglobo.globo.com/cultura/leo-aversa/coluna/2023/06/lacracoes-a-venda.ghtml>

Talvez sejam os óculos de míope, que inspiram — nos outros — confiança. Talvez o hábito de ouvir mais do que falar. Quem sabe a renitente timidez? Não sei ao certo o motivo, mas a verdade é que tem muita gente que adora me contar vantagem. Muita. Do nada. De graça. Basta dar um pouco de atenção e já começa o show: tem a cascata pura e simples, tem o discurso autocentrado, tem confete para cima da própria cabeça e, claro, tem as narrativas tão fantasiosas quanto inverossímeis, em que quem conta é sempre o herói da história. Normalmente não interrompo, deixo rolar, é — involuntariamente — engraçado, e ouvir não deixa de ser uma boa ação, que junta paciência e caridade. No fim do monólogo o outro sai feliz da vida, radiante, me achando a pessoa mais legal do mundo. Não importa se mal abri a boca e o que ele achou legal é que dei uma oportunidade para que ele fale de si mesmo por horas. De graça.

Já ouvi, com sincera atenção, muito egocêntrico falastrão, muito extrovertido autocentrado e um monte de narcisistas delirantes, todos eles trabalhados no fascínio pela própria voz. Se Deus existe, Ele deve ter anotado ao meu favor as inúmeras vezes em que disse — com caridosa convicção — a um megalômano patológico que ele era singular, criativo e inspirador. Meu lugar no céu deve estar encaminhado.

Nos últimos tempos essa tarefa zen tem ficado cada vez mais árdua: como o leitor deve ter notado, estamos vivendo um surto de superioridade moral. De repente, do nada, sem motivo algum, muitos se tornaram moralmente virtuosos. Um milagre! Toda hora aparece um sujeito — que a gente conhece de outros tempos — se passando por apóstolo de boas causas. Não tá fácil nem pra mim, acostumado com a tiração de onda alheia. Antes o arcabouço da ostentação era apenas material e intelectual: os fanfarrões queriam mostrar o que tinham ou o que sabiam. Era até divertido, ainda que involuntariamente.

Agora não, agora chegamos a outro patamar: não faltam conhecidos querendo nos esfregar na cara o quanto são donas da virtude, sacerdotes do correto, guardiões das boas causas. Ouvir fanfarrônicas pode ser engraçado, mas aturar lacração e apropriação de causas é bem diferente. Não há caridade que dê conta.

Diante dessa nova realidade e ciente de que o problema é que tá sobrando virtuoso e faltando quem bata palmas, resolvi monetizar a atenção e abrir um negócio: por uma módica quantia sento na frente do cliente e fico ouvindo — atento e calado — seu nobre discurso. Sem questionar nada, nem mesmo as contradições mais óbvias entre teoria e prática. Por uns caraminguás a mais ainda solto um “cirúrgico!”, um “arrasou”, um “jantou!” de vez em quando, para deixar o freguês em êxtase, como se estivesse viralizando nas redes sociais. No pacote premium ofereço até um cardápio de comentários incorretos: o cliente escolhe de antemão qual vou dizer, para que ele, em júbilo, possa me usar de escada, recolhendo aplausos e likes ao me apontar o dedo. É sucesso garantido. Acredito que nestes tempos onde ninguém ouve ninguém e muita gente se considera digna de um pedestal, a minha ideia do delivery de atenção pode virar uma startup disruptiva. Ao menos a minha paciência vai ser — finalmente — recompensada.